



ALEXANDRE II  
*Empereur de Russie*

## O IMPERADOR ALEXANDRE II DA RUSSIA



ALEXANDRE II nasceu em San-Petersburgo aos 22 de abril 1818.

Quando seu pae recebeu esta noticia, tamanha alegria sentiu, que escreveu ao arcebispo de Moscow a seguinte carta:

« Santissimo prelado:

« Vi com o temor de um fraco mortal, mas com a esperanza de um christão fiel, aproximar-se o momento mais decisivo da minha vida. Não sabendo o que a Providencia me reservára, fortaleci a alma com um voto religioso, e esperarei resignado a vontade de Deus.

« Aprove a divina Providencia fazer-me apreciar a felicidade de ser pae, e quiz conservar-me a mãe e o filho. A expressão do reconhecimento, que não é necessaria para Aquelle que perscruta os corações, torna-se indispensavel á alma que sente profundamente.

« O voto, que me apressarei em cumprir, é levantar, sob a invocação de Alexandre Nowski, uma capella na egreja da nova Jerusalem. É a humilde offerenda de um pae feliz que confia ao Todo Poderoso o mais excellente bem: o destino de sua mulher e de seu filho.

« Vossa eminencia será meu guia e auxiliar no cumprimento de um voto tão querido ao coração; dirijam-se ao ceo fervorosas orações pela mãe e pelo filho, junto d'esse altar levantado pelo reconhecimento de um pae; e que o Todo Poderoso prolongue os seus dias para a felicidade, para o serviço do soberano, para a honra e o bem da patria.

« Pedindo a benção de vossa eminencia. etc., etc. »

Pedro I, contrariado em seus propositos por Alexis, deu, por ukase de 16 de fevereiro 1722, a cada soberano o direito de designar o successor, até entre individuos estranhos á familia imperial.

O imperador Paulo, por um acto datado de 16 de abril 1797, restabeleceu o principio de hereditariedade por ordem de primogenitura; acto que foi confirmado em 1807 pelo seu successor, o imperador Alexandre.

A 16 de agosto 1823, certo da descendencia de seu irmão Nicolau pelo nascimento de Alexandre II, Alexandre I renovou aquelle acto, que precedeu d'estas considerações:

« Quanto mais augmentarem os nossos exercitos tanto mais devemos apressar-nos em collocar o nosso throno em posição tal, que não possa ficar vago, sequer momentaneamente. »

Subindo ao throno, o imperador Nicolau confirmou esta serie de actos por seu manifesto de 9 de fevereiro 1826. « Advertido, diz elle, pela catastrophe sanguinolenta de que fôra testemunha, <sup>1</sup> queria prevenir quaesquer eventualidades similhantes; » e com a approvação de sua mãe e do gran-duque Constantino, declarou que, no caso de que aprovesse a Deus chamal-o á Sua presença antes da maioridade legal (dezeseis annos) do seu herdeiro, o gran-duque Alexandre Nicolaiewitch, a regencia do imperio, assim como a do reino da Polonia e principado de Finlândia, pertenceriam a seu irmão o gran-duque Miguel.

A 31 de setembro 1827, o imperador, mencionando de novo os anteriores actos em um manifesto, ordenou que o juramento de fidelidade fosse não só prestado a elle, mas tambem ao seu herdeiro o gran-duque Alexandre.

A educação do herdeiro foi confiada a um homem tão distincto pela elevação de suas idéas como por seus talentos — o poeta Jukowsky que, no dizer de um biographo, possuia o espirito nacional até o archaismo.

O gran-duque, na qualidade de herdeiro, em companhia do principe de Lieven e grande numero de fidalgos, entre os quaes ia o conde Orloff, visitou em 1840 a maior parte das capitais da Europa.

N'esta viagem foi encontrado pelo sr. Custine, que, segundo a expressão de Vaillant, devia entrar legitimista na Russia e sair d'ella republicano. O sr. Custine ficou tão impressionado da tristeza de Alexandre, como da sua graça e formosura; elle qualificou o gran-duque « um dos mais perfeitos modelos de principe » que encontrára.

Em Roma, o papa, movido pelos vestigios de munificencia que Alexandre deixára na sua passagem, lhe disse « que elle tinha conquistado todos os corações. »

<sup>1</sup> Uma sublevação militar que se deu em San-Petersburgo, logo que Nicolau I subiu ao throno.

A viagem do filho do czar fez grande ruido nas côrtes de Allemanha por dois motivos: porque Alexandre era moço, formoso e solteiro; e porque era o herdeiro do imperio da Russia. Levado à côrte de Hesse-Darmstadt, encontrou a joven princeza filha do gran-duque reinante Luiz II, e aspirou aquella doce violeta germanica. Maximiliana-Guilhermina-Augusta-Sophia-Maria <sup>1</sup> era de uma belleza simples e tocante. A melancolia d'esta princeza e a tristeza de Alexandre entenderam-se e entrelaçaram-se em reciproco amor. <sup>2</sup> Luiz II aceitou o pedido do gran-duque da Russia. Pouco tempo depois a sympathica noiva entrava em San-Petersburgo entre as acclamações do povo russo.

O casamento celebrou-se a 28 de abril 1841.

Desde essa epocha, Alexandre perdeu a tristeza que lhe sombreára a mocidade. Encontrára o condão da existencia; brilhára-lhe a natural alegria; e viam-no todos como é hoje: homem de bom senso; principe gracioso e digno; esposo amavel e pae terno. <sup>3</sup>

Por occasião do consorcio do gran-duque Alexandre, o imperador publicou um manifesto, no qual se lia o seguinte:

«Depois de havermos concedido com alegria a nossa plena approvação à escolha de nosso muito amado filho e herdeiro, implorando as benções do Todo Poderoso sobre esta alliança na grande capella do palacio de Inverno, em presença do clero e de uma assemblea de leigos, solemnemente promettemos a mão do nosso amado filho à futura esposa de sua escolha, que na vespera abraçara a nossa profissão de fe orthodoxa e recebera a santa confirmação.

«Levando, pois, ao conhecimento de nossos povos este successo tão caro ao nosso coração paternal, determinámos que a augusta noiva de nosso muito amado filho e herdeiro o gran-duque Alexandre Nicolaiewitch, receba o nome de gran-duqueza Maria Alexandrowna, com o tratamento de alteza imperial.»

D'este consorcio nasceram quatro principes, o primogenito dos quaes é hoje gran-duque herdeiro, com o nome de Nicolau Alexandrowitch.

O imperador Nicolau tinha orgulho em tra-

<sup>1</sup> Nascida a 8 de maio 1824.

<sup>2</sup> No retrato de Alexandre II, pertencente à collecção do sr. Hippolyto Castille, encontrámos a seguinte nota:

« Diz-se que a joven princeza ficou por tal modo commovida, assim que viu o filho do czar, que recollendo-se à sua camara foi acometida de uma febre violenta. Durante o delirio ouviram-na murmurar: « Hei de desposal-o! »

<sup>3</sup> Hippolyto Castille no retrato já citado.

zer ao seu lado os dois netos mais velhos, um d'elles com o uniforme de granadeiro do regimento de Pawlowski, e o outro com o uniforme de soldado do regimento de Preobajenski. Assim apparecia em todas as revistas militares.

Quando falleceu o gran-duque Miguel, o actual imperador substituiu seu tio nos mais importantes commandos que o imperador Nicolau confiara a seu irmão: assistia ao conselho, e tomava já parte no governo do imperio.

Em 1831, mereceu a mais alta distincção militar da Russia em uma expedição que commandou contra os circassanos, e onde se defendeu de espada em punho.

Quatro annos depois, o principe Alexandre padecia uma grande perda — a morte do imperador Nicolau, seu pae. <sup>4</sup> Entre as citações de jornaes colligidas por Leouzon le Duc, acha-se um trecho do *Times*, ao qual a paz recente deu as apparencias da veracidade. « Amado filho, dissera o czar moribundo ao seu herdeiro, considero como indispensavel necessidade fazer-se a paz, ainda que se limite o poder da Russia no mar Negro. Esta concessão será imputada não a vós, porém a mim. Illudi-me com o caracter da opinião publica em Inglaterra. Nunca julguei possivel uma alliança entre esse paiz e a França. Acreditei que o imperador Napoleão estava dominado de odio irreconciliavel contra os inglezes. »

Como quer que seja, a paz da Russia ajustou-se e concluiu-se. O moço imperador que tinha sido até então o reflexo de seu pae, depois da morte do imperador Nicolau pouco mudou. O velho partido russo ainda soube contel-o. Mas a conclusão da paz determinou, na opinião de muitos illustres escriptores, a aurora do novo caminho que o imperador deve percorrer. Talvez que o velho partido russo lh'o descobrisse, como a guerra da Crimea lh'o sonhe aplanar.

O imperador Alexandre II bem deve saber hoje que nem é com a guerra que se engrandece um povo, nem se conquista a amizade das potencias occidentaes. « Ter acção em politica, é crear instituições que tendam ao desenvolvimento moral e material de uma nação. »

O imperador Alexandre II conquistará as sympathias do mundo se continuar a demonstrar que é reformador, mas reformador liberal. A Russia deve, em fim, gozar dos beneficios da liberdade. Desejamol-o ardentemente.

<sup>4</sup> O imperador Nicolau I falleceu a 18 de fevereiro 1855. No mesmo dia, Alexandre II annunciou esse infausto acontecimento aos povos da Russia em um manifesto inserto no *Jornal de San-Petersburgo*.



O Poder das mulheres.  
Gravura do *Magasin pittoresque*.

## O PODER DA MULHER



estampa, que apresentámos, é um quadro de phantasia, mas representa as phases mais poeticas da vida da mulher. É uma lição.

O lar doméstico poderia existir, porventura, sem a presença da mulher, que n'elle alimenta o fogo sagrado da familia? Não. O olhar que dirige, a palavra que concilia, a mão que saza, o sorriso que alegra, o coração que allivía, que dá coragem ao desanimado, esperança ao infeliz, — onde estão, na ausencia da mulher?

Vêde a joven, cuidando da velhice enferma, e prestando ao pae, no ultimo quartel da vida, os cuidados que, na meninice, recebêra de sua mãe. Sabe que o sorriso d'ella é uma recompensa nas tribulações: que o seu olhar, cheio de ternura, vae muita vez ensinar o caminho do dever, que poude tornar mais facil e suave ao que lhe pertence e a estre-mece.

Vêde a esposa: é o seu amor que estabelece o lar, onde alimenta a felicidade e a paz. É do seu seio que o filho vae tirar o leite que o sustenta; os dedos ageis e previdentes da mãe que o nutre, preparam-lhe para os membros delicados os necessarios vestidos e atavios, com os quaes lhe farão conhecer desde o berço os commodos da vida.

Os bens, que o trabalho energico do homem amontôa, na mão da mulher prudente e liberal serão distribuidos e arrecadados;

porque ella sabe economisar para dar. A ordem serve-lhe para alimentar a esmola, com a qual dará bons exemplos de verdadeira caridade. Suas affeições são sempre resplandecentes porque se não apagam. Para educar o filhinho, a mulher remoga a intelligencia; desenvolve as virtudes do adolescente a quem promette uma consorte; traz ao homem o auxilio de sua paciencia e doçura, auxilio tanto mais valioso, quanto é mais constante; sustenta-o nos seus desalentos, consola-o nas injustiças e sabe mitigar-lhe até o aguilhão do remorso; porque todo o mortal pôde errar, e a prompta inclinação do fiel da balança porventura marcará antes a delicadeza da consciencia que julga, do que a enormidade da falta que o fez pender.

O que o homem adquire, a mulher conserva, porque ama; o que elle construe, ella aformoseia, porque ama; quando elle julga, ella chora; quando elle castiga, ella perdôa, sempre fiel á sua missão de ternura e amor.

A religião christã consagrou na mãe do Homem-Deus um admiravel symbolo das virtudes que exige da mulher: pureza, fidelidade, prudencia, dedicação e piedade. Quer ella seja o recurso dos enfermos, o refugio dos peccadores, ou a consolação dos afflictos; todos os seus attractivos, toda a sua força, todo o seu poder, se resumem em uma só palavra dos gregos: *Charis!* que ao mesmo tempo diz — graça e caridade.

« A indole da mulher, a feminidade, tomada em complexo, não é senão amor; e se este amor se divide para se estudar, averigua-se que não é senão amores: amor de filha, amor de mãe, amor de amante, amor de esposa, amor da familia, amor da casa, amor dos desgraçados, amor das flores e da natureza, e tambem um pouco amor de si mesma, que é muito justo e muito bem empregado. »

« Até o muito fallar reprehendemos ás mulheres: e n'isso nos mostrámos, além de nes-

cios ingratos, para com ellas e para com Deus que nol-as fez, quaes as haviamos de mister. Sem esse, que nós chamámos defeito, quem nos houvera ensinado a falla em pequeninos, quem nos encheria a casa d'esta melodia que não acaba, e quem nos desfaria os nublados, ás vezes tempestuosissimos, do pensamento? Quando Deus fez a primeira mulher, fel-a, nos disse Moysés, porque viu que não era bom que o homem estivesse só: e não era, não. »

## ALHAMBRA

### GONTOS DE GRANADA

(CONCLUSÃO)

#### O morticínio dos Abencerrages e a queda de Boabdil

**G**RANDE foi o terror no seio da velha Granada, quando o exercito christão, commandado pelo melhor dos cavalleiros hespanhoes, veiu pôr-lhe sitio. Todas as cidades do paiz moirisco estavam já em poder dos vencedores; no solo da Hespanha só restava Granada, que era o seu ultimo baluarte; e a propria Granada succumbiria, porque a traição e a tyrannia, que a vexavam internamente, entregavam-n'a, como esbulho indefenso, aos assaltos do inimigo.

O rei de Aragão, Fernando, convocara na villa de Santa-Fê, proximo da cidade sitiada, a nobreza de Castella e Aragão com os seus vassallos armados. Os moiros tentaram uma sortida, mas foram repellidos. Entretanto, animados e sustentados com o exemplo de Muza, um dos mais valorosos chefes arabes, aprestavam-se para continuar desesperada resistencia. Os musulmanos foram, pois, chamados para a guerra santa, em quanto Granada se commovia com as implacaveis discordias de duas tribus illustres, dos Abencerrages e Zegrís. Mohamed, chefe dos Zegrís, fizera crer ao rei que os Abencerrages mantinham secretas relações com o exercito christão, ao qual desejavam entregar as portas de Granada. Para acrescentar o odioso de taes queixas, o perfido Mohamed pensou em persuadir a Boabdil que a rainha, sua esposa, faltava a todos os deveres, <sup>1</sup> alimentando amores criminosos com Ali Hamed, chefe dos Abencerrages.

Boabdil reprimiu a colera, porque os inimigos que lhe designavam eram muitos e poderosos, e a situação do paiz não permitia que os atacasse de frente. Era, pois, necessario preparar uma vingança completa, mas imprevisita, na qual anniquilasse os principaes adversarios.

Boabdil deu ordem para se preparar esplendido festim no palacio da Alhambra. Os chefes da tribu dos Abencerrages receberam convite para elle. Ao entrarem no pateo dos Leões, trinta e seis d'aquelles nobres senhores foram cercados pelos guardas do rei; como não podiam resistir, alli os mataram sem piedade. A tribu inteira succumbiria no morticínio, se uma criança, assustada de semelhante espectáculo, não conseguisse fugir dando rebate do facto. Os Abencerrages correm ás armas, e atacam Alhambra. N'esta lucta furiosa e desesperada, trezentos Zegrís são immolados aos manes das victimas de uma horrivel traição. As represalias poderiam seguir logo scenas tão lastimosas; mas os Abencerrages quizeam tirar vingança maior; sem consideração pela patria em risco, nem por sua propria honra, decidiram-se a desertar em massa para os christãos, a fim de sepultarem nas ruinas de Granada a lembrança de suas desgraças.

Desde o alvorecer do dia seguinte ao do morticínio da Alhambra, brilhante cavallaria se desenvolveu na planicie de Bivarrambra. Eram os Abencerrages promptos para marchar. Mas assim que principiavam a desdobrar os seus esquadrões, um cavalleiro saindo de Granada, veiu a toda a brida collocar-se na frente de sua linha de batalha: era Muza, o mais gentil e valoroso guerreiro da moirama.

— Onde ides, filhos de Granada? — lhes gritou Muza. — Acaso reflectistes na vileza de semelhante deserção? Quereis vingar-vos de um sanguinolento ultrage com a deshonra da vida inteira? Recordae-vos da patria, filhos de Granada!

— As tuas palavras são generosas e nobres, — disse um dos Abencerrages; — mas não podem desviar-nos de nosso proposito. Fugimos de uma cidade onde em cada pedra

<sup>1</sup> V. a pag. 144 d'esta *Revista*.

vemos o sangue de nossos irmãos, derramado pela traição. Vamos para o campo hespanhol. Allí nos encontrarão os Zegrís! . . .

— Que ouvi eu? — replicou Muza; — alguma vã palavra soou aos meus ouvidos altíonitos? Sois ainda os primeiros cidadãos do paiz de Granada? Com que nome occultaes uma pretendida vingança que sacrifica religião e patria? Abencerrages, abandonae um projecto que maculará para sempre a vossa illustração! renunciae essas discordias intimas de que os inimigos communs se aproveitarão para nos avassallarem, ou nos despojarem do mais bello reino da terra! Careceis de uma vingança immediata e terrivel como foi a offensa? Não estaeis armados? Voltae a Granada, accõmmettei com os Zegrís, degolae-os à vontade, afogae-vos em sangue! correi uns contra os outros até à destruição completa; porém não chameis estrangeiros, vossos inimigos, para gozarem da vossa desunião e se aproveitarem dos vossos odios! Não vos torneis mercenarios dos que querem opprimir a vossa patria!

— Muza, — respondeu o mesmo chefe, — agrada-nos o teu amor pela patria, mas as tuas palavras não embargam a nossa vontade. Não se pôde esperar socego nem justiça em Granada, depois do espantoso morticínio que se perpetrò impunemente. Odio eterno se levantou, como barreira inexpugnavel, entre nós e o rei perfido que ordenou o assassinio dos nossos irmãos. É necessario que Granada caia; é preciso que o imperio dos moiros desapareça da terra; a Hespanha christã tem já a victoria na mão. Não detenhamos a corrente que vae arrasar uma cidade maldita!

— Opprobrio! — exclamou Muza. — Taes blasphemias devem sair da bocca de um Abencerrage? Se não somos bastantemente fortes para impedir a ruina da nossa patria, e nosso dever é succumbir com ella. Esqueceste a heroica defesa dos nossos antepassados contra os reis christãos? o sitio de Toledo? as guerras de Cordova? e a lucta de Sevilha em que os moiros, vergando à sorte, succumbiram honrados pelos proprios vencedores? Todas as cidades da moirama terão sido conquistadas, mas ainda nenhuma se aviltou pela cobardia; e Granada, Granada o derradeiro vestigio do nosso poder, será desamparada como não o foram Toledo, Cordova e Sevilha? Quando aquelles que nos antecederam foram vencidos com honra, viveremos nós na infamia? Ó Abencerrages, attendei-me! A patria appella para vós, e Deus vos contempla!

N'aquellas almas profundamente feridas não acharam ecco os discursos eloquentes de Muza; os melhores raciocinios cediam ao instincto da vingança. Os esquadrões dos Abencerrages pozeram-se em marcha sem mais demora, e desceram o caminho que ia da Vega ao campo dos christãos. A noticia d'esta deserção produziu em Granada o mais triste desalento; soltavam-se de todos os lados queixas e imprecações; os habitantes erravam nas ruas com ar sombrio, vergando ao peso de violenta consternação. O inimigo estava às portas, e o desespero minava o interior.

Muza nada perdeu da sua energia; apesar do que padecia entranhavelmente, reflectiu que só activas providencias podiam, se não salvar, quando menos demorar a queda da cidade. Foi, portanto, a Alhambra onde habitava Boabdil. O rei passeava, meditando, nas galerias d'aquella magnifica residencia, cujo gozo em pouco tempo lhe faltaria. A presença de Boabdil era mais truculenta que de ordinario. Parecia apenas satisfeito da cruel vingança que saciara no sangue dos Abencerrages; via-se que pensava em novas atrocidades.

— Rei de Granada, — lhe disse Muza em tom que revelava desprezo e dôr; — rei de Granada, em que pensaes, quando o lucto envolve a cidade, e quando proximo desastre nos ameaça? Ah! tendes os fructos de vossos odios cruéis, injustos zelos e implacaveis vinganças; falla-vos hoje o mais fiel apoio do vosso throno; e n'este afastamento, que tanto mais augmentará em roda de vós quanto mais o inimigo fechar a cidade em circulo de ferro, nada ouvís que vos desperte da indolencia que vos entregará de pés e mãos ligados à mercê de um vencedor? Nada imaginastes para vos salvardes de semelhante perigo?

— Sei que a revolta surgiu de entre os meus vassallos, — respondeu Boabdil com voz surda; — serão os Abencerrages que a minha justiça ainda não fulminou de todo.

— Não tenhaes receio dos Abencerrages, — tornou Muza com ironica frieza; — elles não perturbarão com os seus queixumes o esplendor dos vossos festins.

— Tanto melhor! — replicou o rei: — porque seria talvez obrigado a metter-lhes na bocca um freio em brasa.

— Poupar-vos-hão tão requintadas precauções. Descançae! . . .

— Que quereis dizer!

— Que todos os Abencerrages tomaram a estrada do campo dos christãos.

— Traição!

— Não! Justiça.

— Ah! Porque não os mandaria degolar até ao ultimo?

— Porque talvez não encontrasseis os carascos.

— A minha vingança não seria legitima? Um d'esses traidores, Ali-Hamed, seduziu a rainha e meditou a anniquilação do reino.

— Onde estão as provas do crime?

— Apresentae-me as da innocencia.

— Phrase de tyranno para se desculpar de um morticínio. Boabdil, por vossa inutil crueza, perdestes a herança de vossos antepassados, e entregastes a patria à cubiça do estrangeiro. Deus será juiz entre vós e o povo.

Proferindo estas palavras, Muza deixou o rei entregue a impotente furor; Boabdil quizera castigar por sua mão o audacioso guerreiro que se atrevêra a exprobrar-lhe o seu crime, mas o povo adorava Muza. Muza era a ultima esperanza do paiz. Boabdil resolveu esperar vingança mais facil.

N'aquelle dia, preocupado com idéas fataes e dominado por ciumes mais violentos pelas censuras e ameaças que lhe dirigira Muza, decidiu-se a sacrificar a joven rainha aos seus resentimentos, e dirigiu-se repentinamente para o serralho a fim de lhe annunciar a sentença.

A desventurada princeza chorava amarga e continuamente; não podia deslembrar-se da cobarde e infame accusação com que os Zegrís a tinham maculado; porém Boabdil, illudido pela calumnia, como todos os homens fracos, julgava que essa desesperação nascia das saudades que ella sentia pela morte de Ali Hamed; os ciumes devoravam-no. Aparecendo, pois, subitamente na camara da infeliz, lançou-lhe estas duras palavras:

— Não chores, minha formosa princeza. As lagrimas alteram os teus encantos, e tempo é já de que as tuas dôres tenham um termo. A vida sem duvida se tornou odiosa para ti, que estás privada dos amores de Ali Hamed; eu, que sou generoso, resolvi quebrar os laços que nos ligavam.

— Meu Deus! — exclamou a rainha tremendo, — que me annunciaes? que nova crueldade imaginastes?

— Para que tremeis? — replicou Boabdil. — Podeis acaso desejar felicidade maior e mais apreciavel que a morte, visto que ella pôde reunir-vos ao que amaes, e a quem me preferistes? Terci cuidado em que esta morte seja um symbolo ardente da paixão que vos consome. Alimentaes amor por Ali Hamed; muito bem: logo ireis alimentar com o vosso corpo outro fogo na praça Nova...

A rainha torcia-se com as convulsões do

desespero. Boabdil impelliu-a com o pé e continuou em suas imprecações:

— Sim, mulher perfida, tal é a sorte que te reservo, para recompensar a infamia com que manchaste a minha alliança; se no espaço de tres dias não encontrares defensores alleiçoados que sustentem a tua innocencia em campo fechado contra os teus accusadores, a fogueira da praça Nova fará justiça da tua vida maldita!

A estas palavras, Boabdil afastou-se, lançando-lhe um ultimo olhar de odio e vingança. A rainha, ficando só, calculava com horror a extensão do seu infortunio; depois da saída dos Abencerrages, não podia contar com o auxilio de ninguém. O seu futuro proximo era, sem appellação, a tortura. Em tão medonha extremidade, uma joven escrava christã, que ella prezava, lembrou-lhe enviar-se uma mensagem secreta ao campo dos christãos, para implorar o soccorro de D. João Chacon, o mais valente cavalleiro de Castella. Apesar das poucas probabilidades de salvagão que parecia offerecer aquelle expediente, a rainha quiz tental-o para escapar aos seus verdugos; escreveu, portanto, uma carta mui digna a D. João. A joven escrava encarregou-se de lh'a fazer entregar em mão propria.

Não entretanto, a chegada da brilhante tribu dos Abencerrages ao campo dos hespanhoes causara a maior alegria em todo o exercito. Fernando de Aragão e Isabel de Castella viam no seu auxilio seguro penhor de triumpho para a causa christã; Granada, abandonada dos mais illustres defensores, entregue ás discordias interiores e ás cruéis violencias de um rei fraco e detestando, não podia resistir muito tempo aos esforços dos contrarios. Os cavalleiros hespanhoes receberam como irmãos os chefes Abencerrages.

Ponce de Leão, Aguilar, Gonzalves de Cordova, o alcaide dos Donceles, João Chacon, o gran-mestre de Calatrava, Anigo de Mendoza, e muitos outros heroes já celebres por suas façanhas, sitiaram a capital dos moiros, e o terror que inspirava a narrativa dos feitos d'aquelles guerreiros augmentava o desalento dos sitiados.

Uma tarde que D. João descançava na sua tenda, veio um homem de armas despertal-o para lhe entregar uma carta fechada. Grande foi a surpresa do heroe vendo que a missiva inesperada lhe era dirigida pela rainha de Granada, que lhe supplicava, em nome da dedicação de que os cavalleiros christãos faziam voto em favor dos que padeciam, viesse defender a sua innocencia em campo fechado.

Uma dama reclamando auxilio e vingador não podia encontrar corações indifferentes para a sua desgraça. D. João não hesitou um só instante. Respondeu ao mensageiro que no dia e hora aprazados pela rainha de Granada, seria fiel ao convite de honra, e que entraria na liça com tres dos mais valorosos guerreiros da Hespanha, para combater e vencer corpo a corpo os calumniadores da rainha.

Logo que o mensageiro se retirou, D. João tratou da escolha dos companheiros que devia associar para tão nobre duello; a escolha era, na verdade, difficil entre um exercito de heroes, todos rivaes em gloria e virtudes. Ao cabo de séria meditação conseguiu designar os que mais lhe convinham para a sua empreza, e na madrugada do dia seguinte communicou-lhes o seu projecto.

— Seria, — lhes disse, — eterna deshonra para a cavallaria, se, no territorio da Hespanha, uma dama innocente e desgraçada, percesse victima de infames calumnias, sem ter encontrado defensores. Recebi esta noite uma mensagem da rainha, que entrega a sua sorte à minha generosidade e coragem. Careço, pois, de tres irmãos de armas para me auxiliarem com a sua espada.

— Quero ser um d'elles! — exclamou Ponce de Leão.

— Serei o segundo, — acrescentou Aguilar. — Resta, porém, saber por que meios levaremos ao fim tão singular empreza.

— Por que meios? — perguntou D. João. — E quem se lembra de obstaculos que possam desviar-nos, quando se trata de defender tão bella e nobre causa?... Quem ousaria hesitar, sem destruir a sua honra para salvar a sua fraqueza?

— Ninguem, — disse friamente o alcaide dos Donceles. — Não ha receio, nem razão politica que possa auctorisar a recusa. Mas a rainha de Granada pertence à religião dos infieis...

— Não continueis!... — interrompeu D. João. — Não é a rainha de Granada, nem uma christã, nem uma infiel, que pede o socorro dos nossos braços; é uma mulher vilipendiada, uma mulher destinada aos algozes que nos implora justiça.

— Muito bem! — tornou Aguilar, com arrebatamento. — Approvo o impeto generoso de D. João. Porém, meus amigos, aqui somos vassallos do rei de Hespanha, armados para combatermos debaixo da sua bandeira; teremos, portanto, o direito de tentar, sem o seu consentimento, uma empreza cujo resultado, se nos fôr fatal, o privará de qua-

tro chefes do seu exercito? Pensaes que estaremos ao abrigo de alguma traição, na fé dos moiros? Pergunto para que me esclareçam acerca d'estes pontos, mas não recuo; disponde da minha espada, com tanto que esta dedicação não offenda Deus nem o rei.

— É verdade, — disse Ponce de Leão, — não pensei em semelhante obstaculo.

— E eu, — acrescentou o alcaide dos Donceles, — tenho melhor objecção para vos submeter. Acreditaes que os moiros permitirão que tres ou quatro christãos entrem livremente em Granada para defender uma mulher que o seu rei manda malar...

— Cessem as objecções! — exclamou D. João. — Estamos a demorar inutilmente o exito do nosso proposito; a honra falla às vezes mais alto que o dever; jurei que havia de destinar a minha espada à defesa da rainha de Granada, e sustentarei o meu juramento. Se quizerdes auxiliar-me, tenho meio de entrar em Granada sem ser reconhecido, nem suspeito; partamos sem dar a quem quer que seja noticia da nossa ausencia. Appareceremos na cidade sitiada com trajos musulmanos, e a fim de pôr a salvo qualquer desconfiança, rodearemos os baluartes e entraremos por uma porta opposta à que olha para o campo.

Este projecto alcançou todos os votos; e os guerreiros separaram-se a fim de se apresentarem para a empreza. Em breve deixaram o campo, e, depois de mudarem as vestes em um olival, dirigiram-se para a cidade, onde entraram pela porta meridional.

Notavel agitação ia em Granada, porque chegara o dia fatal do triumpho ou do supplicio da rainha. A fogueira levantara-se na praça Nova, os carrascos estavam a postos, e ainda nenhum campeão se apresentara para combater os accusadores da victima. O logar do combate fôra marcado na praça de Bivarrambla, guarnecida por uma triplíce fileira de homens armados. No meio do terreno erguia-se um cadafalso coberto de negro, onde a rainha devia sentar-se para esperar o resultado de tão estranho processo. Desde o alvorecer que a multidão de espectadores, affluindo de todos os lados, occupava a praça e suas visinhanças.

Os habitantes de Granada esperavam com impaciencia o desfecho do lugubre drama que se lhes offerecera. Muitos d'aquelles que na vespera ainda não acreditavam na virtude da rainha, sentiam-se abalados por uma piedade singular e faziam votos por ella.

A hora prefixa, o cortejo saíu da Alhambra. A rainha foi levada em liteira até o lo-

gar fatal. Os terraços da cidade estavam guardados por damas chorosas que amaldiçoavam Boabdil. Os homens lamentavam a horrível desgraça que ia devorar tão formosa rainha. Todos secretamente desejavam e rogavam que apparecesse de subito qualquer socorro em seu favor. Entre a multidão principiava a correr o boato de que a tribu dos Gomeres tomara as armas e ia tentar um ataque furioso; e d'aqui nascera o receio de que logo que a lucta se travasse, Granada seria surpreendida pelo inimigo. O pavor era grande.

A rainha e o seu sinistro cortejo chegaram á praça de Bivarrambra no meio de um silencio espantoso; ella, subindo lentamente para o cadafalso, observava com tristeza o povo e parecia interrogar-lo. Então Mohamed, seu accusador, entrou na liça, acompanhado de tres Zegrís armados com armas brancas, os quaes foram recebidos ao som da musica bellica. O povo guardava profundo silencio. Os quatro calumniadores caminharam em volta da arena, despendendo para todos os lados olhares de insolente desafio. Ninguem apparecia. A rainha ia perdendo o alento. O silencio era cada vez mais horrendo.

Tudo isto se passara em uma hora. Quando já findava o tempo marcado para a lucta, ouviu-se o som da trombeta, e quatro musulmanos mascarados se apresentaram á entrada da liça. Seus trajos indicavam a maior opulencia; as armaduras brilhantes e a nobre continencia inspiraram para logo admiração e respeito. Um d'elles avançou até o cadafalso e saudou a rainha.

Souo o signal do combate. Os quatro mantenedores accommetteram os adversarios com extraordinario impeto; travára-se uma lucta de gigantes. Os christãos, confiando na justiça da sua causa, desenvolveram prodigioso valor. Dois Zegrís succumbiram em instantes; o terceiro seguiu-os de perto; e Mohamed, o ultimo, mortalmente ferido por D. João de Chacon, pediu, antes de expirar, que lhe trouxessem Muza; n'aquella hora extrema confessou a innocencia da rainha, e morreu. Muza repetiu em alta voz, perante o povo, tão importante declaração.

Á musica em som festivo celebrou logo a gloria dos vencedores, e a rainha foi conduzida em triumpho para o palacio, em quanto os cavalleiros christãos saíam de Granada sem se haverem desmascarado, e retomavam o caminho do campo.

Esta empresa secreta em breve se divulgou; as narrativas que a este respeito corriam de boca em boca, tornaram-se em assumpto

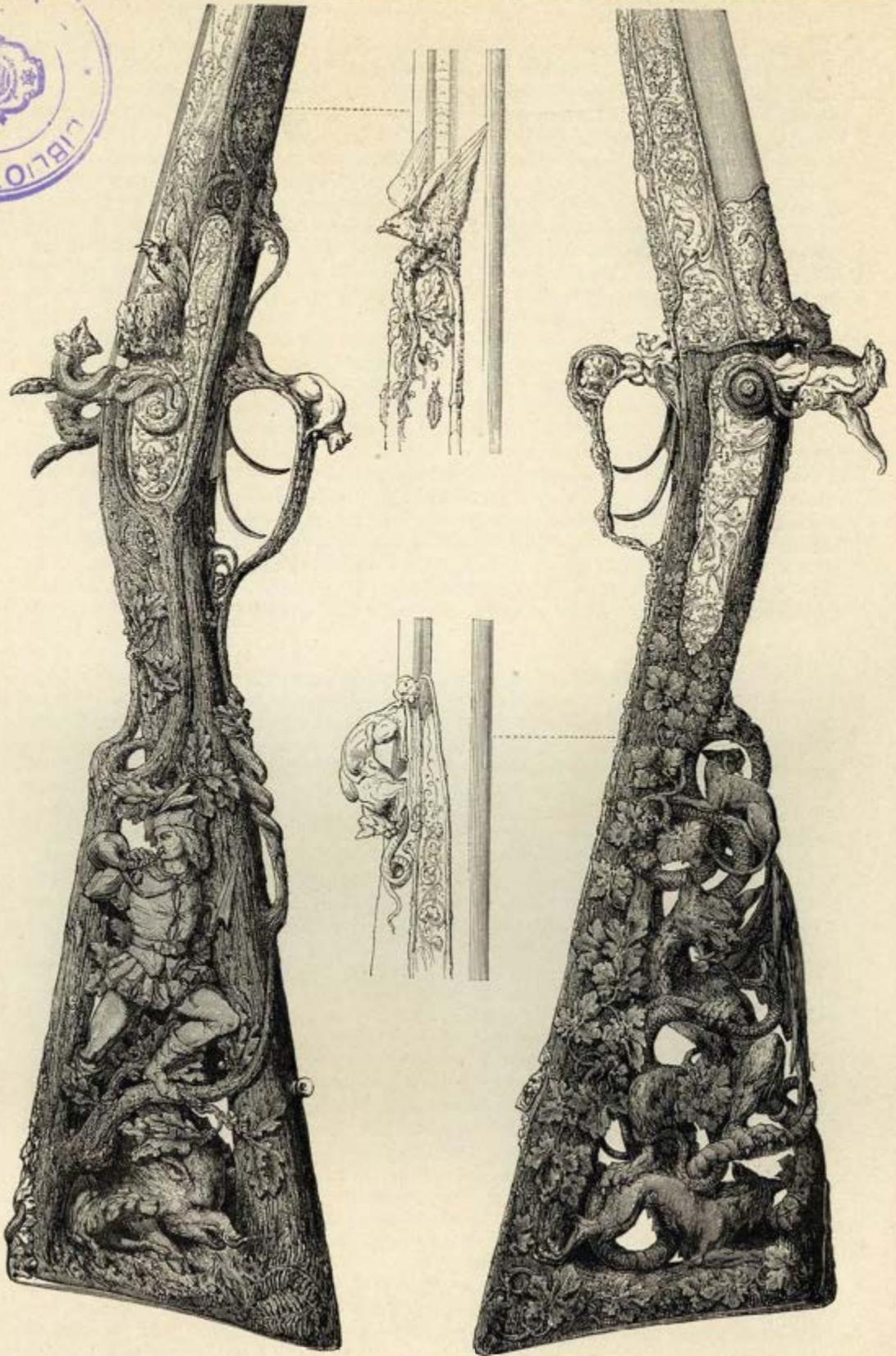
geral das conversações do paiz inteiro. Os hespanhoes contavam orgulhosamente a victoria dos seus compatriotas, e os moiros receiavam cada vez mais a valentia dos guerreiros christãos. Boabdil continuava a infundir aversão tanto ao povo como ao exercito. Poucos dias depois da justificação da rainha, tentou envenenal-a para se livrar da presença da infortunada esposa, que lhe era perpetua reprehensão á sua crueza. Mas a rainha, advertida a tempo, decidiu refugiar-se, em companhia de numerosos partidarios, entre o exercito hespanhol.

Desesperado por este novo revez, Boabdil mandou chamar Muza, o unico guerreiro em cuja lealdade ainda confiava; porém este chefe arabe só lhe podia offerecer vulgares consolações.

— Principe — disse elle a Boabdil, — muito tarde reconheceis o odioso do vosso reinado. Alheastes os corações de todos os vossos subditos. O vosso interesse já deixou de ser o d'elles. Esta rebeldia vos entrega ao inimigo; e eu posso apenas sacrificar-vos a minha vida. Serei fiel até o ultimo instante, e amanhã nas planicies da Vega ver-me-hão morrer pela salvação de Granada.

Muza cumpriu a palavra dada. Reuniu os granadinos desalentados, censurou-lhes a fraqueza em eloquente proclamação, e prometteu-lhes o auxilio do propheta. Não foi baldada a sua tentativa; com este ultimo esforço accorreram soldados para a defesa da patria, e no dia seguinte numerosa tropa saía as muralhas da cidade para ir ao encontro do inimigo. Os christãos, ao avistarem a soldadesca moirisca, sollavam gritos de alegria porque, em fim, se aproximava o combate decisivo. O entusiasmo era igual de ambos os lados; e podia-se julgar de antemão que a victoria seria encarniçadamente disputada.

Empenhou-se a lucta. Os moiros, animados de furor selvatico, arremettiam contra os christãos, e Muza guiava-os ao mais compacto das fileiras inimigas. Tamanho valor devia, porém, ficar inutil. Estava chegado o termo da dominação arabe na Hespanha; não haveria força sufficiente para deter a sua ruina. A soldadesca moirisca perdeu o terreno pouco a pouco; D. Manuel Ponce de León, por habil estrategia de suas linhas de batalha, conseguiu envolver os contarios. Muza, querendo tentar um esforço sobrehumano, para lhe arrebatar a victoria, atacou D. Manuel em combate singular, onde encontrou morte gloriosa ao cabo de porfiada lucta. Os moiros, vendo-o cair, dispersaram e fugiram, perseguidos com grande carnificina,



Exposição universal. — Espingardas expostas pelos senhores Gauvain e Claudin.  
Gravura do *Magasin pittoresque*



Exposição universal. — Um Viveiro de passaros.  
Gravura do *Magasin pittoresque*.

até os baluartes da cidade, na qual apenas encontraram sanguinolento abrigo, entre ruínas e cadáveres.

Boabdil, perdendo a esperança de resistir à energia dos christãos, procurou salvar-se por meio de uma capitulação, quaesquer que fossem as condições d'ella. Era a primeira vez que se decidia a seguir avisado conselho. As negociações suspenderam as hostilidades, e foi resolvido que Granada abrisse as suas portas aos conquistadores, no prazo de seis dias, que foram de lucto publico para os ultimos habitantes de Granada; viam-se errar já n'uma já n'outra rua, cabisbaixos e truculentos como feras expulsas de seus antros. Chegou, por fim, o dia fatal do desterro, e o exercito hespanhol, em fôrma desde a alvorada, avançou para tomar solemnemente posse d'aquelle poder anniquilado.

Boabdil, seguido por uma limitada escolta, veiu ao encontro de Fernando e Isabel; entregou-lhes as chaves da sua capital, e depois apartou-se com a vergonha estampada na fronte e a alma atormentada pelos remorsos;

sua familia e as pesscas da sua comitiva es- peravam-n'o em uma aldeia visinha, d'onde partiram para a Africa. Boabdil mostrava-se intimamente commovido, e as lagrimas cor- riam-lhe em fio pelas faces. Foi então que sua mãe lhe dirigiu estas palavras, já citadas n'outro capitulo: <sup>1</sup>

— Tendes razão de chorar como debil mul- her o imperio que não soubestes guardar como forte rei.

A tomada de Granada pelos hespanhoes, occorreu a 6 de janeiro de 1492; determinou a total destruição de um poder que durára oito seculos.

Na historia encontram-se poucos exemplos de uma peleja tão prolongada e encruelcida entre dois grandes povos; a chronica, a lenda e o romance tem largamente explorado aquella mina fecunda em narrativas historicas.

A Hespanha, com tão vasta conquista, au- gmentou consideravelmente o seu poderio; e pela gloria das armas foi levada à grandeza que distinguiu o reinado de Isabel a Catho- lica.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1855

### Um viveiro. — Duas espingardas

**ENTRE** os objectos expostos em Paris, no- taveis não só pelo encantador desenho. senão tambem pelo primoroso trabalho, contavam-se o viveiro de passaros e as espingardas, reproduzidos nas estampas que acompanham este artigo.

Trataremos primeiramente do viveiro, obra esculpida em nogueira, segundo a composi- ção do sr. Eugenio Cornu. A gaiola octo- gona, de construcção ligeira, assenta em qua- tro pés da fôrma de S, ornados de animaes e folhagem, e occultando suas extremidades nos enfeites da base. Quatro vasos de madeira se levantam um pouco acima d'aquelle espe- cie de jardim, e outros quatro, collocados em alturas diferentes e com intervallos eguaes entre os primeiros, se vão ligar à curva dos pés da gaiola; um ultimo vaso, de maiores dimensões, fôrma, com a planta que contém, no seu cume o remate do viveiro. Cada um

d'estes nove vasos é decorado com uma es- cultura, parte em relevo, parte gravada na espessura da madeira. O assumpto é uma phantasia no genero chinez, multiplicando por suas fôrmas o capricho do desenho, e dando motivo para encantador ornato e vis- tosa folhagem.

Por baixo da gaiola, suspensa a metro e meio de elevação, está uma especie de lago de cristal em que nadam peixinhos, cujas es- camas azuladas, purpureas ou de oiro, refle- ctem por mil modos ao menor raio de sol, ou à sombra das palmeiras, dos lirios e pa- niculas, que engrinaldam as extremidades.

Ligaram-se a natureza e a arte para com- pôr o engenhoso viveiro, com estylo grave e gracioso pela simplicidade. A arte forneceu os desenhos, a esculptura, os arabescos e o caprichoso contorno das fôrmas; a natureza

<sup>1</sup> V. a pag. 146.

deu a agua, os geranios, as margaritas, os girasoes, as garanças, os lirios com as suas folhas delgadas, as palmeiras com a sua folhagem inclinada, toda essa vegetação fresca, animada e que se desenvolve e ondula n'aquella pyramide de ramos e verdura; em cima, estão encerrados os harmoniosos cantores de plumagem mais rica que os mais ricos tecidos, papagaios ruidosos, cardeaes de pennas escarlates, canarios, pintacilgos, tulinégros, pombas alvissimas, pequenos emigrados de todas as patrias e de todos os climas, que o homem tornou habitantes da mesma prisão, na qual chilram cada um na sua linguagem, entoando hymnos á primavera, á verdura, ao sol, no alto do lagosinho que lhes envia frescura, e ao abrigo dos lirios que lhes sombreiam a pousada.

Este viveiro dominava, sem offuscal-os, pequenos moveis entalhados, como bufetes, jardineiras, oratorios, secretárias e outros, de variados e bellissimos desenhos.

Fallemos agora das armas. Sejam breves. O sr. Gauvain, com tanta fortuna como prudente sobriedade, fez um poema de madeira e aço. Isto era confessado por todos os que visitavam a exposição. A sua espingarda, cujo desenho os leitores examinarão, poderia considerar-se a obra prima das armas de luxo, n'aquelle anno, mesmo ao lado da de Claudin, que logo mencionaremos.

O assumpto era um episodio do fundo dos bosques, um d'esses dramas que se representam sob a sombra mysteriosa das florestas, nos asylos cheios de frescura e de canções, onde a imaginação se apraz de ver scenas de amor, paz e harmonia. O cinzel a que o sr. Gauvain confiara a esculptura de scenas tão

maravilhosas, pozera, como se verá, em esmerado relevo os mais simples accessorios.

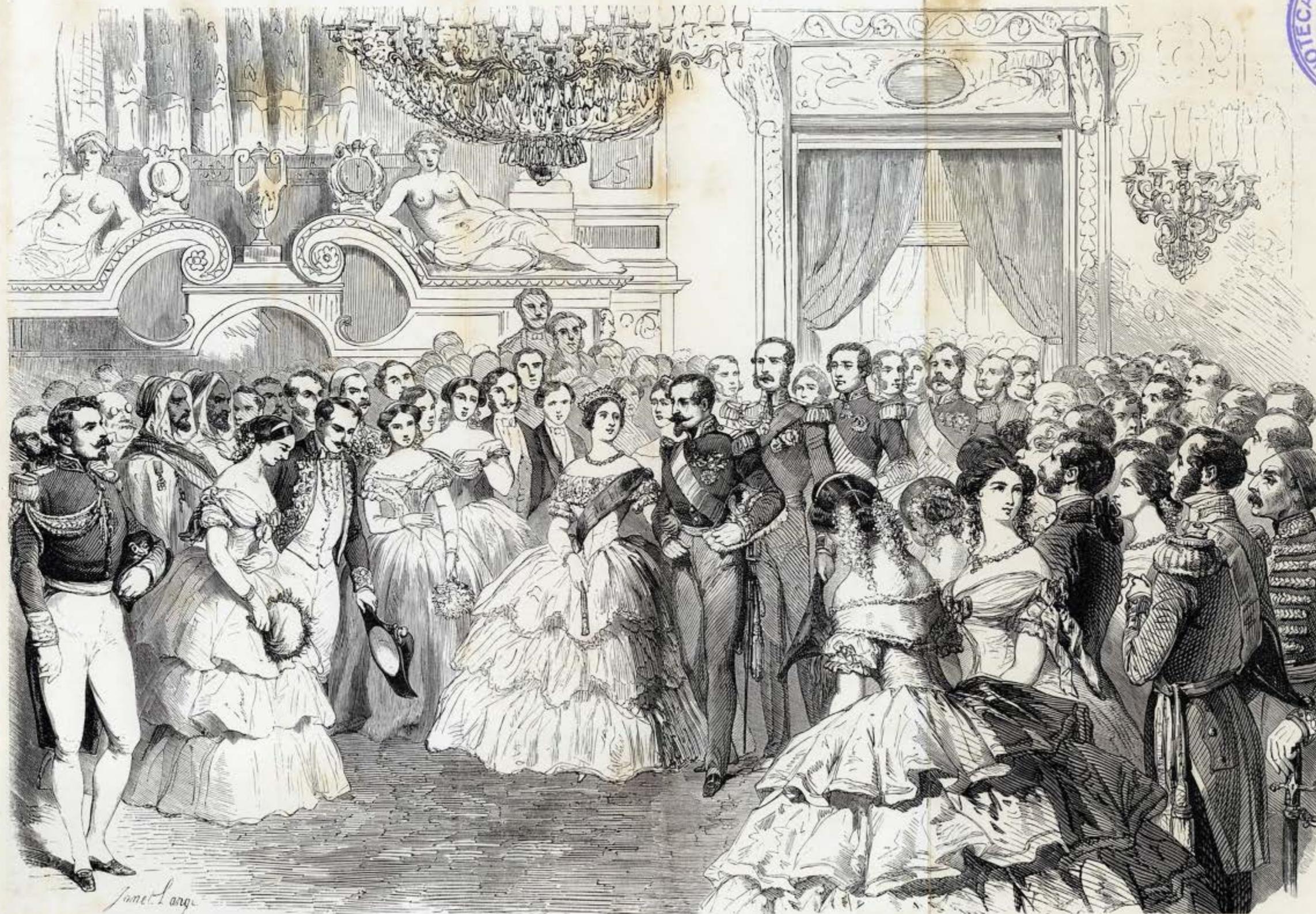
O que, porém, distinguia a espingarda de Claudin era, com talento não menor, a harmonia do conjuncto, a ligeireza do trabalho, e a peregrina e severa delicadeza dos accessorios. Para melhor se comprehender o valor e belleza da obra, daremos algumas explicações sobre a fabricação da arma e as diversas phases da sua construcção. A idéa pertenceu ao sr. Claudin. Logo que se acabou de resolver a composição, assim para o todo como para cada uma das partes, mandaram-se executar os modelos em cera, depois em gesso, pelo sr. E. Knecht. A medida que se concluia as peças de gesso, eram estas minuciosamente examinadas, e reconhecendo-se a precisão no ajustamento de todas, o espingardeiro concertava-as entre si, dando-lhes a fórma primitiva, e tomando as necessarias disposições para a ornamentação. Todas as peças cinzeladas nas massas de ferro e aço forjadas, eram esboços do espingardeiro, e foram por fim entregues ao gravador especial para as retocar. Estas peças, unidas pelos contornos da ornamentação, careceram de extraordinario trabalho para o ajustamento na coronha de ébano. A composição, de Riester, era exemplar de vigor, e em perfeita relação com as fórmulas severas da arma; o estylo purissimo, e o concerto de todas as partes maravilhoso. Acrescentamos que a formosura d'aquelle trabalho foi ainda realçada pela elegancia dos finos arabescos, que cercavam a base do cano, mas que não alteravam na arma a solidez e precisão indispensaveis a uma espingarda para o uso ordinario. A arte ganhou, realmente, com a exposição de 1855.

## A VISITA DA RAINHA VICTORIA Á FRANÇA

 dia 18 de agosto de 1855 ficou registrado nas paginas da historia franceza como o de um grande acontecimento, que apertava mais os laços que uniam duas poderosas nações — segundo o proclamaram os jornaes inglezes e francezes. Era o dia da chegada da rainha Victoria ao porto de Bolonha e da sua entrada em Paris.

A rainha viera a bordo do hiate real *Victoria-and-Albert*, em companhia do principe Alberto, seu esposo, do principe de Galles, seu filho, de lord Clarendon, Marquez de Bra-

dalbane, duque de Wellington, e damas de honor de suas magestades, etc. A recepção feita á rainha do Reino Unido foi das mais esplendidas que se tem visto. Bolonha talvez que nunca presenciassesse espectáculo semelhante. Tinha affluído povo de todos os lados, e da Grã-Bretanha chegara, n'aquelle dia e nos antecedentes, um sem numero de viajantes, para honrarem na terra estranha sua prezada soberana. O imperador Napoleão, acompanhado do marechal Baraguey d'Hilliers, com luzido estado-maior, recebeu a rainha ao des-



*Janet Large*

A Rainha de Inglaterra, no baile dado pela Camara municipal de Paris em 23 de agosto de 1855.



REVISTA ESTRANGEIRA.



O marechal Pelissier.

embarcar em Bolonha; d'aqui conduziu-a para a estação do caminho de ferro, onde suas magestades e altezas, e as respectivas comitivas, se metteram no trem imperial previamente aprestado para esse fim, e que levou aquellas altas personagens a Paris.

A imperatriz Eugenia esperava a rainha Victoria no palacio de Saint-Cloud.

Não podêmos fazer diffusa, nem limitada descripção dos festejos que annunciaram e seguiram a chegada da rainha da Grã-Bretanha e Irlanda ao solo da França, porque nos falta o espaço. Os que avaliam o espirito dos francezes sabem que elles não deixariam de mostrar em Paris, com tanta exageração como bom gosto, o seu regozijo por um successo muito mais notavel ainda pelo estado de perturbação em que se via a Europa inteira.

Com effeito, durante a sua residencia em França, a rainha Victoria encontrou sempre em toda a parte o mesmo enthusiasmo e a mesma alegria. Na verdade, pôde-se afirmar que a influencia da visita de sua magestade britannica preponderou já no que os diplomatas chamam equilibrio europeu, ainda que não estreitasse tão intimamente, como se afigurou a muitos, as ligações entre a França e a Inglaterra.

O baile dado pela camara municipal de

Paris, a 23 de agosto, foi de certo o mais sumptuoso festejo a que a rainha Victoria assistiu. No interior dos paços do concelho não menos de oito mil convidados circulavam em vastissimas salas, fastosa e magestosamente decoradas, sem que houvesse confusão em nenhuma d'ellas. A nossa estampa representa a entrada da rainha no baile pelo braço do imperador Napoleão, e logo após o principe Alberto conduzindo de igual modo a imperatriz Eugenia. O esplendor do cortejo que seguia e rodeava suas magestades era maravilhoso. Viam-se alli reunidas personagens das principaes cortes da Europa. Encantava a variedade dos uniformes! Assombrava a riqueza dos adornos em tantos centenaes de formosas damas! E que elegantissimos vestuarios! Este baile foi, na opinião dos chronistas da epoca, uma das festas memoraveis de Paris. Devia ser.

A illuminação exterior do grandioso edificio da camara, na referida noite, tambem contribuiu para o brilhantismo do baile. A luz derramava-se com profusão tal que ia aclarar os mais afastados quarteirões. Durante a festa mais de dez mil espectadores, na praça de Greve e circumvisinhanças, se conservavam attonitos perante aquella soberba e phantastica illuminação.

## ILLUSTRAÇÕES CONTEMPORANEAS.

### O MARECHAL PÉLISSIER, DUQUE DE MALAKOFF

**J**oão Jacques Amable Pélissier nasceu em Maromme (Sena-Inferior) aos 6 de novembro 1794. Se o logar e as circunstancias que rodeiam o nascimento de um homem exercem alguma influencia no seu destino, o sr. marechal Pélissier pôde servir de exemplo a esta lei providencial. Existe em Maromme uma velha casa em cujo frontispicio se lê a inscripção que ha de convertel-a em monumento historico; hoje é tão sómente uma pacifica e modesta fabrica. Mas quando Pélissier veiu ao mundo, na epoca em que a artilheria franceza retumbava nas fronteiras do reino ameaçado pela colligação, aquella casa era um deposito de polvora. O pae do sr. Pélissier alli exercia um simples emprego. Pôde-se, pois, dizer, sem hyperbole, que o vencedor de Malakoff respirou desde o berço o cheiro da polvora.

Sua familia não hesitou em escolher para o moço Pélissier a carreira das armas. Aos vinte annos, isto é, a 11 de junho 1814, ao sair do lyceu de Bruxellas, assentou praça para entrar na escola da Flèche que deixou, a 23 d'agosto, pela escola militar de Saint-Cyr.

No anno seguinte, a 18 de março de 1815, o sr. Pélissier entrou no exercito com o posto de alferes. Recordando-se da sangnolenta e malfadada batalha de Waterloo que, por assim dizer, destruiu a vasta epopéa dos fastos militares do primeiro imperio, lastimava-se da profissão que seguira. Mas a fortuna não o desamparava. Em 1823, na epoca da expedição a Hespanha do duque de Angoulême, o sr. Pélissier fez a campanha com o posto de tenente, e como ajudante de campo do general Grandler. Tres annos mais tarde, exer-

cendo as mesmas funcções junto do general Durieux, entrou na guerra de Moréa, onde adquiriu conhecimentos que, naturalmente, lhe serviram no commando em chefe da Criméa.

O procedimento do capitão Pélissier valeu-lhe em Hespanha a cruz da Legião de honra e a da ordem de Fernando. Distinguindo-se na tomada do castello de Moréa, para recompensarem a sua coragem deram-lhe duas novas cruces, a de cavalleiro de San-Luiz e a do Salvador da Grecia. Assim que se organizou o exercito destinado ao sitio de Argel, o capitão Pélissier fez parte d'elle; serviu ás ordens do general Bourmont, foi nomeado major do corpo de estado-maior, e em 1830 elevado ao grau de official da Legião de honra.

O sr. Pélissier contava então trinta e seis annos. Na monarchia de 1815 raramente se encontraria militar que tivesse tão rapido adiantamento. O major Pélissier tinha já sem duvida, nas graduacões que percorrêra, manifestado algumas das qualidades militares que o distinguem. De 1831 a 1839, Pélissier serviu como ajudante de campo dos inspectores geraes no interior, e ficou addido ao ministerio da guerra, em cujas funcções adquiriu sobre a organização e administração militar preciosas noções. Nomeado tenente-coronel a 2 de novembro 1839, voltou á Africa, d'onde saiu unicamente para a Criméa.

D'aquella data principia, na verdade, o auge militar do sr. Pélissier. O nome d'este official encontrar-se-ha mencionado com distincção nos successos mais importantes das guerras da Franca na Africa. O *Moniteur de l'Armée* escreveu d'elle o seguinte:

« Durante os quinze annos que decorreram, sem interrupção desde 1840, o sr. general Pélissier tomou parte em quasi todas as operações militares importantes que se realisaram na Algeria. Ha poucos generaes que tenham servido tão effectiva e activamente como elle, e demonstrado mais habilidade na direcção das tropas. Muita vez mencionado tanto por sua intrepidez, como por seu atrevimento e decisão; ferido com uma bala no hombro, a 15 de junho 1840 no bosque das Oliveiras, e com uma bala no braço direito na campanha de Mascara, em 1842, commandou sempre com distincção as columnas em frente do inimigo. No commando da subdivisão de Mostaganem durante tres annos; no da divisão de Orão durante seis annos; no governo interino da Algeria; em todos os cargos, em fim, segundo os testemunhos unanimes dos governadores-geraes com quem serviu, deu provas de notavel talento organisador e ad-

ministrador, alliado a elevado merito e rara energia. »

No *Moniteur universel* se encontram registrados os diversos episodios d'aquella vida tão laboriosa. Sigamol-os chronologicamente. O tenente-coronel Pélissier tomou parte, em 1841, na expedição dirigida contra Tagdempt e no combate de Oued-Melah; em 1842, na expedição do Chelif; em 1843, em um combate contra a grande tribu dos Flitas. — Nomearam-n'o coronel.

N'aquelle mesmo anno conduziu a primeira expedição contra as tribus do Dahara, e elevaram-n'o ao grau de commendador da Legião de honra quando regressou do Ouarensenis, onde dirigira uma brigada activa. Na qualidade de sub-chefe de estado-maior do exercito de Africa, prestou bons serviços na batalha de Isly, em 1844.

Dois annos depois, um incidente de importancia secundaria, porém que fez bastante ruido, envolveu o nome do coronel Pélissier na polemica jornalística. Tratava-se da famosa perseguição dos Ouled-Felloha e dos Ouled-Baaskouna (fracção dos Beni-Zeroua), que terminou com o terrivel episodio das grutas do Dahara. Os periodicos da opposição deram e commentaram esta noticia como se se consummasse uma horrorosa carnificina em Dahara. A Europa tambem registrou o facto com as mais negras cores. Os amigos do governo consideraram, porém, no caso de outro modo; e o coronel Pélissier contou a acção militar que dirigira, d'este modo:

« Assim como lhe annunciei na ultima carta, deixei Mostaganem a 27 de abril para entrar em Dahara.

« Descancei no primeiro dia em Mechera-el-Hadjour, e no dia seguinte, 28, conduzi a minha columna para Selfoura, onde devia fazer junção com o kalifa Sidi-Laribi. As populações d'este paiz não pensavam que eu apparecesse entre ellas; ao chegar a Selfoura, alguma cavallaria indigena vira que as ditas populações se refugiavam nas cavernas conhecidas pelo nome de grutas dos Ouled-Felloha e Ouled-Boas-Kouina.

« Marchámos em sua perseguição para alcançar, antes que entrassem nas grutas, os rebanhos e populações fugitivas; d'isto nos resultou um caçador morto e outro ferido. O tiroteio continuou até que os fugitivos entraram nas suas grutas, sendo-lhes, porém, tirados os rebanhos que estavam já fóra do alcance do fogo dos arabes. Foram levados para o campo mais de 1:500 cabeças de gado: o inimigo perdeu muitos homens por effeito do nosso tiroteio. Tivemos um atirador

morto, e cinco feridos no batalhão indigena. Um d'estes ultimos morreu em consequencia dos ferimentos.

«Então, os Beni-Zerouel pediram para se submeterem, mas sob condições que não podia accellar. Mandeí, pois, completar o cerco.

«No dia seguinte de manhã, 1.º de maio, consentiram em submeter-se, accellando as condições que lhes impuz, e nas quaes comprehendí a evacuação e entrega de suas grutas. Com effeito, n'esse mesmo dia entrámos n'aquelles covis, e mandei buscar a Mostaganem pólvora e o material necessario para os destruir inteiramente; julguei que não devia hesitar em demorar-me aqui mais alguns dias para completar esta operação.»

O *National* affirmára ousadamente que o coronel Pélissier mandára queimar os arabes dentro das grutas. Foi isto a causa de tamanho ruido. O acto de barbaridade existiu por muito tempo na imaginação dos mais credulos. Segundo um dos modernos biographos do marechal, que temos seguido, o governo soube que o coronel Pélissier não ultrapassára as leis da guerra.

Apesar de tudo, o marechal Pélissier, hoje tão popular, era, n'aquella epocha, para a multidão uma especie de heroe terrível como determinados personagens dos dramas de Shakespeare e de Schiller. O governo, tendo em conta os seus serviços, elevou-o ao grau de marechal de campo. O só nome de Pélissier valia bem um baluarte ante o qual os arabes recuavam assustados.

O general Pélissier, como se verá mais adiante, ao caracter brusco do soldado juntava qualidades apreciaveis. Assegura-se que, estranho ás luctas e intrigas da tribuna e da imprensa não procurou nunca, com o auxilio de expedientes de que muitos abusam, alimentar em volta do seu nome um vão rumor para satisfação da propria vaidade. D'este modo viram-no, de 1848 a 1853, desempenhar utilmente as funções pouco ruidosas de commandante da divisão de Orão e inspector-general de infantaria. Em 1850 tinha sido nomeado general de divisão.

A lenda das grutas do Dahara principiava a confundir-se com os episodios anteriores da guerra de Africa, quando o xerife Mohamed-Ben-Abdallah empendeu armar o fanatismo dos arabes do sul. Foi premeditada uma nova Zaatcha.<sup>1</sup> O xerife incitou primei-

ramente Ennacín e Mili; mas as suas tentativas não tiveram bom exito. Não lhe aproveitando as lições que recebera, declarou-se em rebellião, e saiu para Lagouhat d'onde conseguiu sublevar as tribus do sul.

O general Yusuf, um dos heroes das campanhas da França na Africa, tentou mas não conseguiu reprimir a sedição. O general Pélissier soube o que se passava e poz-se em marcha. Saiu de El-Biod a 26 de novembro, percorrendo cincoenta leguas em pouco mais de seis dias n'um paiz em que o espirito das populações e as difficuldades do solo são incalculaveis.

A 2 de dezembro operou a junção com o general Yusuf. Esta marcha, que lembra as mais celebres das guerras de Napoleão I, aterrorizou o inimigo. No dia 3, o general Pélissier fez o reconhecimento da praça. Para atravessar as suas altas muralhas, era necessario uma bateria de brecha, que foi construida por ordem do general em a noite de 3 para 4. As sete horas d'essa manhã já rompia o fogo. Em tres horas se abriu a brecha, e a agnia do 2.º de zuavos desenrolou-se sobre as ruinas fumegantes de Lagouhat.

A bravura do general Pélissier tem a rara particularidade de não ser ostentosa. De modo que os soldados, nos postos mais arriscados, vêem-no sempre ao seu lado, e isso lhes anima os brios. Em Lagouhat, o general Bouscarren, que seguia Pélissier, recebeu uma bala e caiu morto.

Foi tambem em Lagouhat que as aguias do novo imperio receberam o baptismo do fogo. Este motivo devia, certamente, influir na escolha que Napoleão III fez do general Pélissier para ir tomar o commando de um corpo de exercito no Oriente.

Pélissier marchou para Sebastopol, onde tomou o commando do 2.º corpo. A chegada de um chefe tão energico reanimou as tropas, que se iam desmoralizando pelos contratempos que sobrevieram durante o dilatado sitio de Sebastopol. O general Pélissier foi encarregado dos ataques da esquerda. O exercito conheceu para logo que os trabalhos da campanha tomavam nova face.

Poucos homens de guerra reúnem, no mesmo grau que o marechal Pélissier, o exterior e as qualidades do commando. O soldado francez conhece-lhe o caracter, e respeita-o. Nas conversações do acampamento referem-se muitas aneddotas, militares de mais para

<sup>1</sup> Zaatcha fica situada em Constantina, a 30 kil. S. O. de Biskara. Nesta praça se deu uma revolta contra os francezes em 1849. O general Herbillon foi encarregado de retomar Zaatcha, o que effei-

tuou depois de mortifero assalto em que se distinguio o coronel, depois marechal Canrobert. Os 800 homens que defendiam a praça morreram até o ultimo.

se reproduzirem, mas que provam o genio singular do general. Quando o seu espirito se exalta, perante o fogo do inimigo, nas horas decisivas em que trata de dar uma ordem capital, solta palavras de zombaria terriveis como uma frecha. Esta rudeza, porém, allia-se extraordinariamente com a justiça e rectidão que se aprazem de recompensar o verdadeiro merito.

Se o merito se lhe inculca, dizem que muda logo. Um official do exercito da Criméa, na tarde do desastroso dia 18 de junho, fôra pedir-lhe uma cruz: — «No bastião de Malakoff ha um lenho, respondeu o general; veja lá se com elle pôde fazer uma cruz para si.»

O marechal Pélissier estima, comtudo, os seus amigos com profunda dedicação; mas, como todos os homens superiores, não muda para elles nem os modos, nem o genio. Os que o cercam, seus ajudantes de campo, habituados a essas borrascas, já se não offendem.

Um official superior, estimado de todos, e cuja amizade pelo marechal Pélissier foi profunda e desinteressada, o coronel Cassaigne, dizia ás vezes rindo: «Quando o general me recebe mal, não me zango. Sei que elle é como os marseheses que chamam os filhos: filhos de cão... por amizade.»

Muitas anecdotas circulavam, pois, no exercito do Oriente. Dizia-se tambem que o marechal Pélissier estava satisfeito em se vendo rodeado de officiaes moços e distinctos. Ser protegido pelo marechal é signal evidente de aptidão militar.

Ao chegar a Sebastopol, o general Pélissier visitou os entrincheiramentos; foi reconhecer as baterias de ataque, e as obras de defesa. E com isto pretendia mostrar aos soldados que estava alli para participar dos seus perigos de cada dia. Até então o serviço das fortificações fazia-se com zelo, mas com pouco methodo. Elle regulou tudo com severidade. O resultado d'esta energia mudou por modo tal a opinião do exercito, que principiarão a considerá-lo como seu futuro commandante em chefe.

Foi tambem este o pensamento do general Canrobert, quando tomou o partido de resignar o commando nas mãos do general Pélissier. A nova posição d'este valoroso official tornou-se muito delicada. A França voltava para elle todas as suas attentões. As difficuldades augmentaram. Era preciso vencer-as.

O general Pélissier teve uma conferencia com lord Raglan. Ninguem soube o que se passou entre elles. Mas os seus resultados

manifestaram-se. Os sentimentos de cordialidade entre os dois exercitos, inglez e francez, testemunharam o perfeito accôrdo dos dois generaes em chefe.

O novo commandante em chefe tratou de desenvolver a actividade e energia que o fizeram celebre em Lagouhat. Determinou, portanto, que em vez de continuarem os ataques na esquerda, se atacasse na direita. Dirigia-se a Malakoff, chave da praça sitiada. Sabendo que as tropas não eram sufficientes, pediu reforços em linguagem que afastasse qualquer idea de recusa. Esperando os reforços apoderou-se no dia 7 das baterias do monte Verde. Chegaram os reforços. Do monte Verde ao corpo da praça era pequena a distancia. Em todas as linhas soltou-se com invencivel coragem o grito: «A Malakoff! a Malakoff!»

O general em chefe preparou novo ataque. Aos 18 de junho, tres divisões accommetten com o formidavel bastião. Do alto do reduto Victoria o general Pélissier segue o movimento das tropas. A subida de uma columna mal dirigida alterou o plano. Zangado, mas querendo a todo o custo destruir as mortiferas fortificações, o general Pelissier ordena ao coronel Jannin, dos zuavos da guarda, que se arremesse contra a brecha.

—« Adeus, meu general, » disse o coronel.

E lança-se à frente d'aquelle magnifico regimento, formado com os veteranos das guerras de Africa. O resto da guarda imperial move-se e vae seguil-o.

Marcham a uma voragem quasi certa. Porém, a idea fixa do general em chefe é destruir as fortificações. Os que o cercam rogam-lhe que mande tocar à retirada. Elle hesita; renovam as supplicas. Cede, em fim, e por primeira vez. Mas que enfadamento aquella noite! Os russos pagaram-n'o caro.

Lord Raglan morrêra. O seu successor deixou a iniciativa ao general francez. Omer-pachá saíra da Criméa. O general piemontez Lamarmora, homem de guerra da mais elevada distincção, pozera se à disposição do general Pélissier, que assim obtivera uma especie de commando unico dos exercitos alliados.

O general Pélissier decidiu que no dia 8 de setembro se desse um grande e decisivo combate. Adoptou para isso todas as providencias com escrupulosa vigilancia. O fogo devia principiar quando as torres de Sebastopol soassem o meio dia. A ultima badalada, com effeito, a artilheria rompeu o fogo, desde as trincheiras da esquerda commandadas pelo general Salles, até ás de Malakoff dirigidas pelo general Bosquet. Os russos corresponderam. O estrondo era maravilhoso; as balas fa-



Tomada pelo devotado Mac-Mahon, da tomada Malakoff (restucto Korniloff) atacado de frente pelos caçadores, e no flanco direito pelos zuaves e pelo 7º de Linha

ziam horribéis estragos. As baterias inimigas não são já defensáveis. Em toda a linha de ataque ouve-se um grito ainda mais terrível que a voz do canhão. As columnas alliadas avançam, e lançam-se rapidas e compactas em vinte sitios ao mesmo tempo. Carregam em toda a parte à baioneta. O fogo da segunda linha de artilheria cobre-as de metralha. Mas as columnas abrigam-se, fortificam-se, e estabelecem-se nas obras conquistadas.

No fim da expedição Malakoff ficava em poder dos alliados.

Do alto de Malakoff, os soldados francezes e inglezes viram, à noite, que o exercito russo, destruindo todas as fortificações, se refugiava nos fortes do norte.

Malakoff, a ultima das fortificações atacadas, foi a primeira tomada.

Durante o assalto foi morto o tenente-coronel Cassaigne, um dos ajudantes de campo que o general Pélissier estimava com preferencia, e de quem ainda falla hoje com saudade.

A 12 de setembro de 1855, o general Pélissier foi elevado ao posto de marechal de França, agraciado com o titulo de duque de Malakoff, com uma dotação de cem mil libras de renda, e nomeado vice-presidente do senado. O imperador Napoleão III tambem o ligou ao conselho privado da coroa. Em cir-

cunstancias delicadas, o governo de França confiou-lhe a embaixada de Londres, que desempenhou por algum tempo.

Ha tres annos, pouco mais ou menos, o marechal Pélissier uniu-se a uma senhora hespanhola, tão interessante pelo seu espirito como por sua belleza. Referindo-se aos amores do marechal, um biographo conta o seguinte.

« Diz-se que nos ultimos tempos que precederam o seu casamento, o marechal Pélissier, detido pela multiplicidade dos negocios na embaixada franceza em Londres, enviava todos os dias à sua noiva um lindo ramallete. Assim que um viajante francez admittido nos seus salões lhe annunciava a partida, o marechal não se esquecia de lhe confiar um dos maravilhosos ramalletes, recommendando-lh'o com solicitude. Esta galanteria, digna de um conde d'Orsay, devia parecer à nova esposa tanto mais exquisita quanto partia do vencedor de Malakoff e não de um simples dandy. »

O general Pélissier foi, ultimamente, nomeado governador geral de Algeria. No seu peito brilham as principaes e mais honrosas condecorações de todos os paizes europeus; a bordadura da farda de marechal desaparece-lhe inteiramente sob as veneras das diferentes ordens militares.

## A GUERRA DO ORIENTE



documento historico que em seguida publicamos, não podia deixar de ser registrado n'estas paginas, por isso que servirá de complemento à serie de artigos, insertos na *Revista*, relativos à guerra que os alliados francezes, turcos, inglezes e piemontezes, sustentaram contra os russos desde setembro de 1854 até setembro de 1855.

É uma especie de chronica dos feitos de armas dos valorosos exercitos alliados n'aquella memoravel campanha, e que foi reproduzida em todas as publicações periodicas. Ei-la:

4 de setembro 1854. — Embarque do exercito francez (25:000 homens) e do exercito turco (8:000 homens), em Varna.

9 de setembro. — A esquadra que transporta o exercito inglez (25:000 homens) re-

une-se à esquadra turco-franceza, na ilha das Serpentes.

14 de setembro. — Desembarque dos exercitos alliados na Eupatoria, proximo do Forte Velho. Esta operação, que não é embaraçada pelos russos, dura seis horas.

20 de setembro. — Batalha de Alma.

27 de setembro. — O exercito aliado, depois de ter atravessado Alma, Belbeck e muitos rios, chega, por marcha de flanco, às alturas de Balaklava. Os inglezes occupam esta cidade, e n'ella estabelecem a sua base de operações.

29 de setembro. — Reconhecimento de Sebastopol.

9 de outubro. — Principio dos entrancheiramentos a 700 metros da praça.



17 de outubro. — Rompe-se o fogo contra a praça. As esquadras combinadas tomam parte no ataque.

23 de outubro. — Batalha de Balaklava.

6 de novembro. — Batalha de Inkermann.

22 de maio 1855. — Tomada do cemiterio.

24 de maio. — Expedição no mar de Azoff com bom exito.

23 de maio. — O exercito alliado occupa a linha de Tchernaia.

7 de junho. — Tomada do monte Verde.

18 de junho. — Assalto infructifero dado a Malakoff.

16 de agosto. — Batalha de Tchernaia.

8 de setembro. — Tomada de Malakoff.

9 de setembro. — O inimigo evacua a parte meridional da cidade, e retira-se para a parte septentrional.

Principiando-se os entrancheiramentos a 9 de outubro 1854, os trabalhos do sitio duraram, portanto, 330 dias e executaram-se debaixo do fogo da praça e apesar das sortidas dos sitiados. Em muitas partes se levantaram até sete parallelos.

Rompendo-se o fogo a 17 de outubro 1854, e sendo a cidade tomada a 8 de setembro 1855, Sebastopol foi bombardeada durante 322 dias.

A tomada da importante torre de Malakoff, chave de Sebastopol, coincide, quasi dia por

dia, com o desembarque das tropas alliadas na Criméa.

Na tomada de Malakoff, os alliados tiveram 4:500 feridos, dos quaes 240 eram officiaes. Neste assalto só o exercito francez teve 3 officiaes generaes mortos e 6 feridos.

Os inglezes encontraram em Karabelnaia (Sebastopol), que occuparam, os despojos seguintes: 179 peças de artilheria em posição no grande Redente, e 146 de reserva; 213 em posição na torre de Malakoff e no pequeno Redente, e 139 de reserva; na bateria interior 64, e no Arsenal 1:481, o que forma o total de 2:222 peças de artilheria. Mais de 330:000 balas e obuzes contados; os que não poderam ser contados avaliam-se em 60:000.

Calculou-se que as machinas alli encontradas representavam um valor de 40:000 libras esterlinas; as cadeias, ancoras e outros objectos de marinha, 29:000 libras esterlinas; o ferro velho, 12:000 libras esterlinas. Os alliados encontraram, alem disso, 3:000 toneladas de bom carvão, 280 toneladas de mantimentos, ou mais de 3 milhões de rações.

As fardas velhas, cascos, espadas, espingardas e outros objectos tambem representavam uma boa somma.



Te Deum cantado na igreja de Notre-Dame de Paris, em acção de graças pela tomada de Sebastopol.

## TE DEUM SOLEMNE

### CANTADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DE PARIS

EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELA TOMADA DE SEBASTÓPOL

**N**a quinta-feira, 17 de setembro de 1855, cantou-se no magnifico templo de Nossa Senhora de Paris um solenne *Te Deum*, em acção de graças pela victoria dos exercitos alliados no cerco de Sebastopol. Os jornaes d'aquelle tempo deram circunstanciada noticia d'essa festividade, á qual assistiu o imperador Napoleão III. Resumil-a-hemos.

A decoraçáo do templo era a mais rica e sumptuosa. O imperador saiu ao meio dia do palacio das Tulherias. As tropas haviam formado em ala dobrada no transito do cortejo imperial, desde o palacio até o adro de Nossa Senhora. As carroagens tiradas a quatro, seis e oito cavallos, seguiam-se umas após outras, levando o imperador, o principe Jeronymo Napoleão e os officiaes de suas casas.

Muito antes da hora fixada para a cerimonia, as ruas e os caes contiguos á cathedral estavam occupados por uma multidáo compacta; no alto das torres fluctuavam bandeiras francezas, e, entre bandeiras verdes com abelhas de ouro, sobresaíam, por cima da porta principal e aos lados, os escudos de armas imperial e britanico. No interior, a ornamentaçáo era simples e riquissima. Grande numero de bandeiras e auriflammas pendia das abobadas do monumento, e entrelaçava as bandeiras victoriosas de França, Inglaterra, Turquia e Piemonte. O altar fôra levantado ante a tribuna, ao lado do côro. Em frente do altar, collocára-se uma cadeira de honra para o imperador, e em baixo, á direita, outra cadeira com coxim para o principe Jeronymo Napoleão. Os ministros e grandes dignitarios occupavam as vastas tribunas levantadas de cada lado do estrado imperial. As diversas corporaçoes do estado viam-se em logares reservados.

O cortejo, depois de ter passado o arco triumphal do Carrousel, saiu pela porta do

ministerio de estado, seguiu a rua de Rivoli, a ponte de Nossa Senhora, e chegou pela rua de Arcole á praça do templo, por volta da meia hora da tarde.

O imperador foi recebido á entrada da egreja, pelo arcebispo de Paris e o cabido metropolitano. O arcebispo, depois de apresentar a sua magestade a agua benta e o incenso, dirigiu-lhe as seguintes palavras:

« Senhor:

« Apresso-me em receber a vossa magestade no limiar d'esta augusta egreja, que estremece hoje com o ruido da gloria da França.

« Os nossos canticos solemnes vão elevar-se a Deus pelo brilhante exito que veio coroar as nossas armas!

« Tanto heroismo em breve receberá a sua recompensa. O grandioso intento que vossa magestade, de accôrdo com seus alliados, prosegue com tanta firmeza quanta sabedoria, não tardará em se lograr: ha de obter-se uma paz gloriosa e solida »

O imperador dignou-se responder:

« Vim a esta cathedral, senhor arcebispo, para agradecer ao céu o triumpho que concedeu ás nossas armas, porque me apraz reconhecer que, não obstante a pericia dos generaes e a coragem dos soldados, nada se alcança sem a protecção da Providência. »

Depois do imperador tomar assento, a cerimonia principiou. Este solenne *Te Deum* foi cantado pelos cantores da capella de sua magestade, sob a direcção do sr. Auber. Finda a solemnidade, o imperador foi reconduzido até o limiar da cathedral, precedido e seguido pelas pessoas da córte e do cabido como á entrada.

A saida de sua magestade do palacio, a chegada a Nossa Senhora, a saida da cathedral e o regresso ao palacio, foram annunciados com salvas de artilheria.

## O LEUCORYX OU GAZELLA



*leucoryx* pertence a uma das numerosas especies de quadrupedes ruminantes classificadas pelos naturalistas sob o nome de antilopes. Ray foi o primeiro que empregou aquella denominação para designar uma das especies, e Pallas deu-lhe acceção generica quando separou o *leucoryx* das cabras, que Linneu confundia.

Por muito tempo se conservou em França, nos gabinetes de historia natural, chifres compridos e um pouco arqueados, cobertos de aneis na metade inferior e lisos na outra metade; duvidou-se de que proviessem de alguma especie de antilope; mas em 1818 determinaram-n'a quando do Senegal remetaram uma gazella para as jaulas do museu de historia natural, de Paris.

Geoffroy Saint-Hilaire e Frederico Cuvier, na sua *Historia dos Mammiferos*, descrevem-n'a assim:

«Tem cabeça branca, com duas manchas cinzentas que descem da raiz dos chifres e se reúnem na queixada inferior. Outra mancha ou malha da mesma cor, cobre-lhe metade da frente. O pescoço e o peito são de amarello escuro; o dorso e os lados do corpo, de amarello claro, principalmante no dorso; o ventre e as pernas, brancos; a cauda, branca e castanho escuro na extremidade. Os chifres, de quasi 80 centímetros de comprimento, anelados até à metade inferior, são negros. O pello é finissimo e mais comprido no dorso que nas outras partes do corpo; e deve-se notar que, desde a anca até entre os chifres, dirigem-se de traz para diante, isto é, em sentido opposto ao que se vê em todos os outros mammiferos. Esta gazella tinha de altura, do solo ao alto da cabeça, 1,<sup>m</sup> 2; e de comprimento, do focinho à raiz da cauda, 1,<sup>m</sup> 5.» Muitos outros individuos d'esta espe-

cie tem depois vivido no jardim das Plantas.

«A gazella é commum na Syria, na Arabia e até no Senegal, dizem Lacépède e Cuvier. Vêem-se n'aquellas regiões innumerous rebanhos percorrer os campos; quando alguém se lhes aproxima, reúnem-se umas contra as outras, e apresentam chifres por todos os lados. Embora timidas, quando levadas ao extremo, têm ainda bastante força para ferirem gravemente com as suas armas; não podem, comtudo, resistir aos grandes quadrupedes carnivoros, e de ordinario alimentam o leão e a panthera. Os tuicos e arabes caçam-nas com os cães e falcão, ou servem-se da onça (domesticada). As caçadas com o falcão é entretenimento das pessoas abastadas na Syria; ensinam a ave a prender a gazella pelo pescoço, e cortar-lhe as arterias com as garras. Apanham-se tambem estes animaes vivos deixando no campo algum individuo domesticado, nas armas do qual se atam cordas que terminam em nó corredio; as gazellas selvagens, envolvendo-se com aquelles individuos, enleiam-se nas cordas pelas armas ou pelos pes, e são logo presas.»

Julio Gérard descreve a gazella no seu interessante livro <sup>1</sup> por modo tal, que se não pôde deixar de estimar o animal pelas suas apreciaveis qualidades.

Diz Gérard que «a gazella e o leão são os extremos para o moral e para o physico.» «Se a especie humana não tivesse degenerado, — acrecenta elle, — poder-se-hia comparar a gazella à mulher, e o leão ao homem... Os arabes reconhecem o merito pessoal da gazella, e sobretudo a belleza de seus olhos; mas isto não se oppõe a que lhe façam guerra de morte.»

As gazellas, em geral mui gordas no verão, emmagiecem no inverno; a sua carne tem gosto analogo à do cabrito.

Quando as mercês não são prova de *ter* homem, senão de *ser* homem; e quando não significam valor, senão valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. — Dizia com verdadeiro juizo Marco-Tullio, que as mercês, feitas a indignos, não honram os homens, affrontam as honras.

P. ANTONIO VIEIRA.

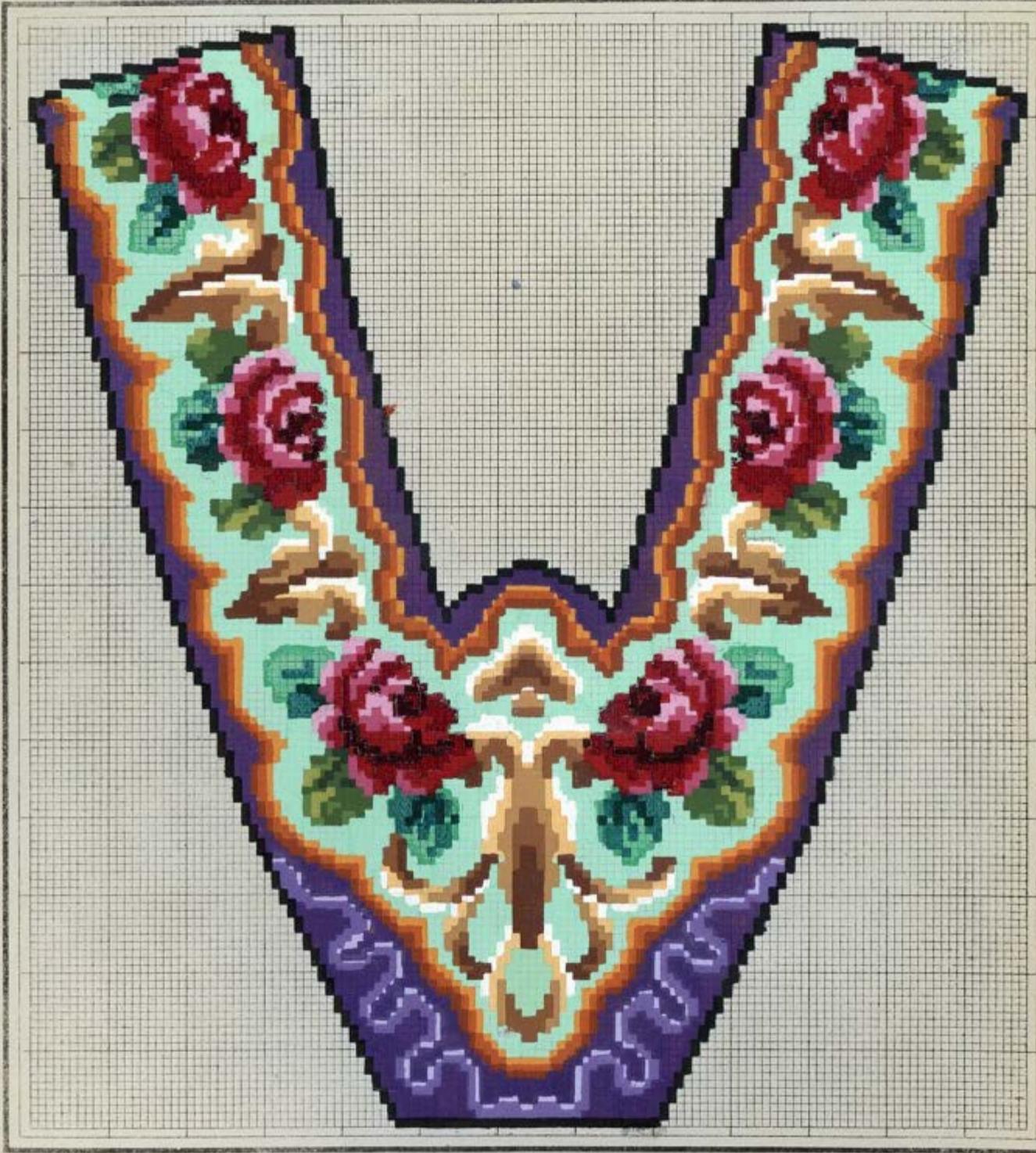
A civilisação tornando cada vez mais intimo o trato das nações entre si, faz necessariamente actuar as idéas de umas sobre as outras, e o homem é ordinariamente mais propenso a contentar-se das idéas alheias, do que a reflectir e a raciocinar.

A. HERCULANO

<sup>1</sup> *La Chasse au lion*, pag. 140.



O Leucoryx ou Antilope gasella.  
Gravura do *Magasin pittoresque*.



SAJOU 52 Rue de Rambuteau, à Paris.

Lith. V<sup>o</sup> Marcilly, r. St Jacques, 36

